

### Seminário 3 - as psicoses

Nos anos de 1955 e 1956, em meio a um impasse institucional em relação à IPA e a constituição da Sociedade Francesa de Psicanálise, Lacan se propõe a um estudo sobre As Psicoses.

Tema caro à psiquiatria, têm seu lugar na psicanálise desde Freud, que revolucionou seu estudo com o caso autobiográfico e literário do Presidente Schreber. Porém, Freud considerava que a psicanálise teria instrumentos limitados para lidar com os psicóticos.

Lacan, dando continuidade a seu “retorno a Freud”, o seguiu e avançou.

Neste momento de seu ensino, irá retomar o caso Schreber, e assim, introduzir na psicanálise, o que estava posto desde Freud: a qualidade estrutural de um processo chamado Verwerfung, a Forclusão. Lacan irá estabelecer as bases para um tratamento possível das psicoses.

Lacan se pergunta: como articular teoricamente a questão de Schreber? Qual é o mecanismo que sustenta a formação de seu delírio?

Se no Seminário 2 ele trabalhou a estrutura da fala a partir de seu Esquema L, no Seminário 3 irá mostrar que a estrutura da fala se articula de forma diferente na psicose. O sujeito psicótico não opera com a língua na mesma lógica neurótica.

Para a Psicanálise somos tecidos e costurados pela trama do desejo e, à medida que o Outro nos inscreve, ele tece em nós as marcas de seu nome, sua cultura e nos confere um lugar de onde falamos, de nossa filiação e sexuação.

Na neurose, o que diz de nossa castração, está recalcado. Na psicose não, encontra-se fora do campo simbólico, fora das representações.

A construção delirante seria o caminho encontrado para dizer daquilo que lhe faltou ser dito, do que não se inscreveu simbolicamente, e isto ocorre no momento em que o sujeito psicótico é convocado a falar em nome próprio, a responder por este significante fálico que não se inscreveu.

Na estrutura discursiva psicótica, a questão que eu me ponho sobre o que eu sou ou possa esperar ser, é expressa como uma certeza, pois provém do outro enquanto projeção de mim e tem o peso do Outro absoluto. A irrupção do Outro no outro.

O psicótico não recebe sua própria mensagem de maneira invertida, ele recebe uma mensagem diretamente do outro. Retorno no outro, meu semelhante, daquilo que é a minha Outra cena, inconsciente.

É na medida em que o sujeito perdeu o Outro simbólico, que ele encontra o outro puramente imaginário, ou seja, o Outro irrompe no meu semelhante. É a mensagem do sujeito que é reduzida à sua matriz imaginária e, vindo de fora, não como mensagem do Outro recebida sob a forma invertida, mas como mensagem própria do sujeito ocorrendo nesse exterior onde se situa o real; é por essa não inscrição no simbólico que ela volta no real.

Para que a ordem simbólica possa se estabelecer é preciso a intervenção ou a mediação da ordem da fala, é preciso a intervenção do que se chama pai. O pai é aquilo que faz, no particular, com que o sujeito seja reconhecido na ordem social como sendo Fulano, nome que nada tem a ver com sua existência viva, e que irá ultrapassá-lo para além de sua existência física.

É a forclusão do Nome do pai, a não inscrição no simbólico, que impediria que o falo se inscrevesse neste campo e conseqüentemente, que aquilo não inscrito, voltasse no real.

Ao longo do seminário, Lacan irá se debruçar sobre a questão da histérica: O que é uma mulher? E na neurose obsessiva, O que é a morte? Lacan é levado a observar que, se há dissimetria no Édipo em um e outro sexo, ela se situa essencialmente no nível simbólico. Só a *Gestalt* fálica fornece à sociedade humana o significante que serve para diferenciar os dois sexos.

O simbólico, portanto, tem falta de material no sentido de que o sexo feminino tem um caráter de ausência, assim, uma dissimetria essencial aparece.

O significante, como tal, não significa nada, ele está destinado a que um sujeito o utilize na fala. Não há outra definição da subjetividade senão a partir da possibilidade de manejar o significante com fins puramente significantes, não significativos.

Qual é esse significante cuja introdução constitui o Édipo, e cuja falta acarreta a forclusão da posição feminina?

Este significante é o pai.

Não o genitor, é justamente essa função que Schreber realiza imaginariamente.

Em tal situação, a alienação é radical: ela não está ligada a um certo modo da relação de rivalidade com o pai, na qual se organiza o temor da castração, mas, sim, no sentido preciso da forclusão.

Na forclusão, há um aniquilamento do significante esvaziado do seu sentido, de tudo o que o representaria em sua verdade. O sujeito é impedido de assumir a realização do significante pai no nível simbólico. Só lhe resta a imagem reduzida em função paterna.

Tendo a castração uma importância central, sua elucidação, nos permite reconhecermos que o terceiro, o pai, é um elemento significativo, irreduzível a qualquer espécie de condicionamento imaginário. Daí o drama de Schreber.

Não se trata da relação do sujeito com o lugar significado no interior das estruturas significantes existentes, mas de seu encontro, em condições eletivas, com o significante como tal, encontro que marca a entrada na Psicose.

A forclusão quer dizer a expulsão do significante de tudo que nele se afirma primitivamente, de modo que, ao encontrá-lo, em resposta a seu apelo, o sujeito não tem outra opção a não ser inflar a imagem paterna, que é tudo o que lhe resta, a ponto de fazer dela o Ele, em que toda a realidade se absorve. Ao passo que as coisas se apequenam, para se tornarem sombras portadoras das vozes.

Estamos diante da abertura de um universo completamente novo em considerações sobre a psicose, não mais restritas a ideia da perda da realidade.

Acompanharemos Lacan no desenvolvimento de uma teoria de como um delírio se desencadeia, como ele tem sua função de cura. O delírio como uma função restitutiva.

A essa leitura nos dedicaremos em 2024.

Simone Teller

### Referências Bibliográficas:

Lacan, J. O Seminário: livro 3: “As Psicoses”

Safouan, Moustapha. “Lacanian I. Os Seminários de Jacques Lacan 1” 1953-1963.

Volte para as atividades